

Gostaríamos de ter feito muito mais, mas não nos podemos esquecer que se trata de um trabalho totalmente voluntário. Muitos dos Confrades nem produtores são, e disponibilizam-se para ajudar a promover, gastando o seu tempo e a expensas próprias, o que outros produzem e nem sempre estão dispostos a promover.

Que projectos existem para o futuro?

No imediato, dar continuidade aos existentes e ir respondendo às diversas solicitações.

O maior desafio é não deixar que as dificuldades nos empurrem para o desânimo, e encontrar forças para defender até ao fim aquilo em que acreditamos.

Fazer da Confraria um local onde os Confrades sintam que se enriquecem do ponto de vista enófilo e que podem ter alguma utilidade na defesa e promoção dos Vinhos da Estremadura, é o objectivo.

Os projectos para o atingir, têm que nascer não só da Direcção, mas de todos os Confrades, porque só assim ganhamos a força de uma associação viva que, de outra forma, não passaria de mais uma das múltiplas organizações voltadas para si próprias, que mais não fazem que dispersar esforços e desperdiçar recursos.

Como é que define a actual Estremadura como região produtora de vinhos?

A Estremadura foi um "mar de vinho", e até a sua orografia de encostas suaves revestidas de vinhedos nos reforça esta imagem. Esteve na primeira linha como região vinhateira de Portugal e marcou de forma muito profunda a economia e os costumes da sua gente. Foi palco do aparecimento de grandes adegas cooperativas, mantendo em simultâneo belíssimas Quintas em torno da região de Lisboa.

Este passado recente não se apaga facilmente na cabeça das pessoas, e por vezes torna-se num factor que coloca a nossa região em desigualdade se a compararmos

com outras onde tudo começou de novo, estando mais libertas para a mudança.

Porque a mudança aconteceu mesmo. Os hábitos de consumo, os mercados, os novos países produtores,... Já ninguém nos vem comprar o vinho, mas somos nós que temos que tratar de ir vendê-lo. E a Estremadura não está na moda, apesar de possuir belíssimos vinhos e ter potencial para os



produzir em muito maior número.

Tenho um carinho muito especial pelas adegas cooperativas por ter na minha memória o empenho que o meu Pai dedicou ao associativismo e ao sucesso de grande parte delas. Foram responsáveis por um incremento tecnológico enorme na época, com reflexos muito positivos na qualidade dos vinhos. Muitas delas têm continuado a evoluir ao nível de equipamentos e estão munidas de bons enólogos, mas parece que houve qualquer coisa que falhou a outros níveis não menos importantes, como a comercialização, o marketing, o controle da matéria prima... Uma adega cooperativa deve ser encarada como uma empresa e não como uma colectividade local. Pessoalmente acho que o estatuto cooperativo que dá a mesma força a um sócio que tem uns pés de vinha no quintal, como a outro que faz da sua vinha a sua empresa e pode representar uma parte muito significativa da

uva entrada na adega, está profundamente errado e tem sido responsável pela dificuldade de sucesso de muitas delas.

As Quintas, que têm mais possibilidade de seleccionar uma boa matéria prima, por ter apostado na qualidade e em rendimentos moderados, estão com dificuldade em ver essa qualidade reconhecida, porque a Estremadura não está na moda, não é marca

Hoje é sabido que as marcas valem mais que as regiões. Há é regiões que por si só, já são marcas, e outras com algumas dificuldades em se libertar dos estigmas do passado.

A nova OCM para o vinho, provavelmente reforçará a tendência que se observa também na Estremadura: abandono de vinha, falência de algumas empresas e desaparecimento de muitos viticultores.

Mas apesar de todas as dificuldades, a Estremadura tem vindo a impor-se com o aumento da qualidade dos seus vinhos. Acredito que o potencial da nossa região e o dinamismo das nossas gentes levará ao aparecimento de soluções de sucesso.

Por isso defino a actual Estremadura, não como aquele mar de vinho do passado, mas como um mar agitado, qual Cabo da Boa Esperança, que nos atormenta agora, mas que poderá trazer grandes surpresas depois de ultrapassado.